

Entrevista: Impostura intelectual na defesa das classes dominantes

Theotônio dos Santos, com Rogério Lessa Benemond

O medo da inflação é o instrumento para deter a transferência de riqueza do setor financeiro para o produtivo. Esta é uma das idéias defendidas pelo autor de A Teoria da Dependência, Theotônio dos Santos, no livro *Do terror à esperança: auge e declínio do neoliberalismo*, que acaba de lançar na Bienal do Livro, pela editora Idéias&Letras.

“O terrorismo de Estado e a impostura intelectual têm sido armas poderosas das classes dominantes quando perdem a capacidade de gerar consenso. Consenso da atualidade, o neoliberalismo está baseado no rigor fiscal - típico dos períodos fascistas - e na falsa premissa do livre mercado – e não da tecnologia - como motor da expansão econômica”, diz o economista.

O desequilíbrio e a volatilidade resultantes deste modelo estariam dando lugar à esperança de que políticas econômicas alternativas venham substituí-lo em futuro não muito distante. E o progresso tecnológico, segundo Theotônio, oferece ao mundo um fantástico potencial de desenvolvimento. “O livro, que será lançado também em várias conferências em Universidades, aprofunda a Teoria da Dependência e completa uma trilogia com *Economia Mundial*, que acaba de ser relançado no México”, diz o autor.

De onde vem a força das idéias neoliberais?

Vivemos período semelhante à escolástica, na Idade Média, com um aparelho cultural que se converteu em instrumento da nobreza, para manter seus privilégios. A burguesia vai contra a Igreja (escolástica) que tentou conter a revolução científica. Hoje a “ciência” oficial desempenha o mesmo papel. E assistimos os atuais dirigentes políticos se curvando a esses trapaceiros. Eles se apossaram também das universidades. Gerações de economistas estão se formando sem incorporar sequer o avanço da matemática.

Por que boa parte da esquerda aderiu?

A oposição à visão fascista, obcecada pelo “equilíbrio” das contas públicas, seria a social-democracia, mas esta se deixou contaminar, aceitando a tese de que o dinamismo da economia vem do mercado e não da revolução tecnológica. O mercado teria que ser “corrigido” através de políticas sociais, quando na verdade é ele o gerador de problemas sociais. Não propriamente o mercado, mas as forças monopolistas que o compõe, já que mercado livre não existe.

Mas a globalização não é fruto da expansão comercial?

A chamada globalização não é um fenômeno gerado pelo mercado, mas pela revolução científica e tecnológica. O mercado na verdade é monopolista e suas respostas tem se mostrado incapazes de evitar a crise. Nos últimos 20 anos, a ciência e a tecnologia foram o eixo central da reestruturação da economia.

Qual a origem do neoliberalismo?

O pensamento neoliberal tem sua origem na tentativa de deter as transformações do pós-guerra: o Estado do bem-estar social, baseado no pleno emprego e na força dos trabalhadores. Se opõe a Keynes, Marx e ao socialismo, que obtiveram expressiva vitória sobre o nazismo. Desconsidera que foi o capitalismo de Estado quem viabilizou a afirmação dos EUA. A reorganização da economia mundial através do Plano Marshall e da ocupação do Japão criaram condições para a hegemonia dos EUA e do dólar. Tanto que o avanço tecnológico se concentrou ali.

A chamada “escola de Chicago” se manteve crítica ao Estado de bem-estar e à intervenção estatal na economia. É necessário considerar que o pensamento ultra-liberal é derrotado na Segunda Guerra justamente porque estava ao lado do nazismo. Derrotada, a escola de Chicago se rearticulou em 1973, com Pinochet, e depois com Margareth Thatcher e Ronald Reagan.

Como ocorreu a ofensiva neoliberal?

Após a crise de longo prazo do capitalismo, iniciada em 1967, na guerra do Vietnã, houve condições para que as conquistas e os gastos sociais do Estado fossem atacados. Foi uma crise sistêmica global, com queda do investimentos e crise fiscal.

Mas não foi causada pelos gastos sociais do Estado, e sim pela tentativa de recuperar a economia através de gastos militares, que não geram mais tantos empregos. Na medida em que a proposta neoliberal vai agravando a crise (concentração da renda, exclusão social, desemprego, exploração, retrocesso, reprimarização da pauta de exportações dos países periféricos) outras crises vão surgindo, como a do dólar, em 1971 e a do petróleo, em 1973.

Não é bom buscar o equilíbrio das contas públicas?

George Soros disse, em livro sobre a crise mundial, que o fundamentalismo de mercado produz desequilíbrio. É a mesma tese que defendo em meus livros. Como o neoliberalismo tem visão do século 18, do indivíduo como possessivo, produz resultados contrários e graves. Depois do materialismo, da psicanálise, retroceder ao século 18 para fundamentar um pensamento econômico não pode dar outro resultado. A possibilidade de obter equilíbrio via mercado monopolista é impossível.

A resposta neoliberal para alavancar a economia acaba por favorecer a acumulação privada e aprofundar a crise social. A contradição é que o aumento do desemprego, aumenta também a necessidade de gastos sociais. Este fenômeno foi típico do período entre guerras, pré-fascismo, que resultou em baixa remuneração e até na volta à escravidão. Atualmente, dois milhões de pessoas recebem indenizações de grandes empresas alemãs por causa do trabalho escravo durante o nazismo.

O rigor fiscal não é necessário para deter a inflação?

Ronald Reagan tentou retomar a hegemonia norte-americana a custo de um déficit fiscal e comercial que acabou por desequilibrar a economia mundial. Somente entre 1987 e 1993, o quadro deflacionário cria condições para a recuperação mundial. Com a retomada de políticas pró-setor produtivo e diminuição do gasto militar, Bill Clinton inicia a recuperação dos EUA sem causar inflação ou aumentar o déficit público. Ao contrário, ele chega com um déficit de US\$ 300 bilhões e sai com superávit de US\$ 200 bilhões. Isto possibilitou que vivêssemos o período dos “grandes magos” que conseguem “acabar” com a inflação através de planos econômicos mirabolantes. No Brasil, Gustavo Franco apresentou o livro autobiográfico do ministro da economia de Hitler, Hjalmar Schacht, *Setenta e seis anos de minha vida*, como fonte de inspiração para o plano Real.

O que aconteceu após a saída de Clinton?

O fracasso do neoliberalismo não é só no Brasil, mas também nos EUA, que convivem com os maiores déficits fiscal e comercial do mundo. Depois de Clinton, os conservadores conseguem aumentar a taxa de juros de 3,5% para 6,5% sob o pretexto de fazer uma “aterriagem” suave. O resultado foi uma grave recessão, que obrigou a uma baixa radical dos juros logo em seguida. A retomada do gasto militar, numa espécie de “keynesianismo de direita”, está complicando a recuperação. Hoje, o endividamento das famílias supera várias vezes o PIB. Então, o risco EUA é altíssimo. E não existe nenhuma economia estável no mundo, já que todas dependem dos EUA.

Como avalia a globalização financeira?

Economias que estão sob o signo da volatilidade não podem ser fortes. Hoje, toda a literatura do FMI está voltada para essa questão, que tem impacto no sistema financeiro mundial. Então, o neoliberalismo é gerador de desequilíbrio, não de equilíbrio macroeconômico. As moedas nas regiões periféricas têm estabilidade precária. A América Latina e o Brasil são exemplos disso. O que existe por aqui não é vigor dos fundamentos macroeconômicos, mas a ausência deles.

Chile e México estão incluídos nesse raciocínio?

No Chile, a nacionalização do cobre, mantida mesmo na ditadura, disponibilizou recursos para o Estado, mas a abertura econômica está conduzindo o país a grave crise. No México, o potencial mercado americano não resolveu o problema dos fundamentos macroeconômicos. As importações cresceram mais que as exportações após o Nafta.

É justo o elogio do FMI ao Brasil?

O Real não estabilizou a moeda, o câmbio ou as contas públicas. Gastamos mais de 10% do PIB com juros. Em toda a literatura econômica não há estudo que possa demonstrar que nossa situação é sólida. Ninguém vai se arriscar a investir aqui. Em 1998, houve desvalorização do Real em 400%, a maior do mundo. Apresentar isso como equilíbrio cambial é absurdo. No entanto, há uma espécie de consenso em torno do equilíbrio. Que equilíbrio fiscal permite o crescimento de 15 vezes da dívida pública? Contudo, trata-se esse período como de responsabilidade fiscal. Então a irresponsabilidade fiscal não existe. Ninguém conseguiu fazer pior. Atualmente, o objetivo do Estado brasileiro é pagar juros. O gasto público teve aumento colossal no período neoliberal, devido ao pagamento de juros. O Estado arrecada mais e gasta menos para isso.

Baixar juros não acarretaria fuga de capitais ou inflação?

O que existe é um aparelho cultural para convencer a população. O Brasil tem todas as condições de crescer entre 6% e 10% ao ano, basta seguir a direção da produção, de forma simples, seguindo o exemplo dos EUA nos anos 90, quando o crescimento não causou inflação. Esses imorais que conduzem a política monetária não baixaram os juros quando a taxa nos EUA caiu de 6% para 1%. Agora ao menor risco do elevação dos juros nos EUA, ameaçam subir também aqui. É uma agressão ao povo brasileiro, semelhante à ridícula discussão em torno do “aumento” do salário mínimo. Na verdade deveriam estar preocupados com a deflação e não com a inflação. O medo da inflação é o instrumento para deter a transferência do setor financeiro para o produtivo. Nosso superávit comercial vai embora nos juros e nas transferências (remessas de lucros, royalties, etc., que acabam de bater recorde). Contudo, o Brasil está gerando esses recursos para serem remetidos. Um sinal de força da economia real, que não pode se ajustar ao pragmatismo liberal.

Romper com o sistema mundial não causaria turbulência?

A conjuntura nunca foi tão favorável a uma política de desenvolvimento autônomo. Até agora, abrimos o país para perdermos participação na economia mundial, que caiu de 1% para 0,79%. Mas ainda temos medo de uma invasão americana, desde a época do golpe de 64. Jango ganhou o plebiscito das reformas com 60%. Hoje, a oposição ao neoliberalismo teve 77% dos votos no primeiro turno. O desprezo à China não existe mais, já que, em três anos, o país se tornou o segundo maior comprador do Brasil. Índia e Rússia ainda não foram suficientemente exploradas. Europa e EUA também, sem falar na própria América do Sul e África.

A política externa do governo Lula é eficiente?

Celso Amorim comanda um grupo muito capaz, mas temo que o fracasso interno inviabilize o sucesso externo. Podemos comandar nossa relação com o resto do mundo, dentro de uma perspectiva multipolar. Temos quadros como Rubens Ricúpero, na ONU, com estudos importantes sobre cooperação sul-sul.

Há esperança para que espera um mundo mais justo?

A crise levantou um movimento social sem precedentes contra a globalização. Tanto que causou repressões brutais. Hoje o neoliberalismo obtém apoio cada vez menor, haja visto as derrotas da direita na França, Espanha e Áustria. O aumento do desemprego e a recessão colocaram a política em crise e estão por trás da rebeldia popular, inclusive de setores da classe média. Aí está a esperança. Na verdade, estamos em fase de expansão do crescimento, existe liquidez e há mecanismos de alavancagem. E há um estoque fantástico de tecnologia disponível. O problema não é gerar recursos, mas destiná-los ao caminho certo. No Brasil, 10% do PIB não são usados, mas esterilizados no pagamento de juros. Isso inviabiliza a economia real.